

## 4

### Considerações finais

Entendemos que a importância deste trabalho está em ter constatado e demonstrado que os textos ilegíveis produzidos propositalmente pelo design gráfico mais recente são fruto da contaminação entre o que convencionamos como legível e o que convencionamos como visível. Verificamos que a maioria dos autores que abordam o assunto da ilegibilidade a define como uma superação das barreiras convencionais, ou seja, entende os textos ilegíveis como mera indistinção entre ver e ler.

Demonstramos que, apesar de a ilegibilidade acontecer num espaço em que as regras que determinam o que é texto e o que é imagem estão indistintas, o ímpeto do leitor/observador por ler ou ver continua distinto, pois seria necessária uma nova convenção que desse conta da leitura/visão simultânea. Desse modo, o que ocorreria, efetivamente, seria uma alternância entre tentativas de leitura e visão. Dificilmente a tinta impressa de um texto ilegível seria tratada como uma pintura. Portanto os atos de ler e ver permaneceriam apartados diante de um texto ilegível. Por isso, tentamos esclarecer que a indistinção entre o espaço convencionado para o texto e para a imagem produz contaminação entre a leitura e a visão e não sua união.

Demonstramos, também, que seria possível produzir uma zona intermediária entre a leitura e a visão e, assim, fundir imagem e texto. Isso, porém, não produziria ilegibilidade, pois os pictograms-ideogramas (que povoam essa área indistinta) possuem, na maioria das vezes, significados precisos.

Sem que houvéssimos entendido o mecanismo de funcionamento da iluminura medieval não poderíamos ter apontado com precisão a relação entre imagem e texto (e os processos de leitura e visão) que a crítica do design gráfico contemporâneo tem tratado de modo vago e otimista. Foi a análise da iluminura medieval que nos permitiu entender que essa mistura entre ler e ver apontada pela crítica especializada é incapaz de trazer soluções para a leitura e para a visão, pois, por mais que racionalmente aceitemos que são convenções semelhantes,

continuamos crendo cegamente que o que vemos é uma imagem que está material e integralmente diante de nossos olhos e o que lemos não. Continuamos a ignorar que a imagem é ideológica e que o texto é pictórico. Portanto, a iconologia de Mitchell aplicada à análise da iluminura pôde mostrar-nos que justamente porque ver e ler são atos convencionais (para os quais somos treinados) foi possível instituir a oposição, também convencional, entre os dois atos. Se tudo que vemos e lemos é ideológico, então (ideologicamente atrelada) encontra-se a oposição entre ver e ler.

Com ajuda de Mitchell pudemos entender que, apesar de a oposição entre ler e ver não ser essencial, ela existe de fato. Portanto, seria preciso que reinventássemos a escrita alfabética ocidental para que pudéssemos lê-la e vê-la simultaneamente. Mesmo nas páginas diagramadas por uma composição "mondriânica" do *grid* e pela *Gestalt* existe alternância entre ver e ler. Nesse caso a ilegibilidade não ocorre porque os sentidos do que se vê foram, ao mesmo tempo, reduzidos e utilizados para reafirmar os sentidos do que se lê. A possibilidade de leitura e visão simultâneas, características do pictograma-ideograma, atribuída a qualquer texto alfabético ocidental nos parece ser um equívoco.

As transformações ocorridas na diagramação dos jornais, desde o final do século XIX até meados do XX, parecem demonstrar que os textos ilegíveis produzidos pelo design gráfico contemporâneo não são fruto de um mero exercício de excentricidade. A ilegibilidade parece ter surgido na sociedade industrial como fator palpável. A experiência gráfica ocorrida no SDJB, sob a influência do Neoconcretismo, foi vital para que pudéssemos conectar os sintomas de ilegibilidade que ocorreram nos jornais com as experiências ilegíveis (de aparência irresponsável) produzidas, décadas depois, pelo design gráfico. Sem as características de transição entre o Modernismo e o pós-Modernismo existentes no SDJB não teria sido possível estabelecer essa conexão.

Podemos, então, concluir que tanto o cartaz legível produzido pelo design gráfico suíço (Figura 2-2-18) quanto as páginas ilegíveis produzidas pelo design gráfico desconstrutivo (Figura 2-2-21), apesar de sua aparente oposição,

compartilham de um mesmo mecanismo há muito instituído na Idade Média cristã: a iluminura. Essas duas páginas representam soluções distintas para o mesmo problema.